

HAROLDO HOLLANDA

As agruras de um líder

O deputado Ricardo Fiúza, líder do PFL, saiu bastante animado da conversa que teve ontem no Planalto com o presidente Fernando Collor de Mello. Classificou também de excelente o encontro mantido na véspera com o ministro Jarbas Passarinho. De acordo com o líder do PFL, nas quatro últimas audiências que teve no Planalto sentiu da parte do Presidente a disposição de se entender melhor com seus líderes no Congresso. Uma das novidades é que a partir de agora nenhuma medida importante do Governo será formalizada, perante o Congresso, sem que antes passe pelo crivo das lideranças políticas governamentais. O próprio Fiúza reconhece que se as Medidas Provisórias 296 e 297 tivessem sido submetidas a um exame preliminar por parte dos líderes e seus assessores, erros e equívocos que elas contêm poderiam ter sido corrigidos a tempo.

Sobre suas divergências com o deputado Humberto Souto, líder do governo, afirma que elas não existem, preferindo não comentá-las. "Não temos diferença, a não ser de estilo", frisa ele. Recorda que ambos são velhos conhecidos, desde os tempos da Arena, cujo bloco renovador chegaram a integrar. "Mas o Humberto é porta-voz do governo, o que não é o meu caso", declara o líder do PFL. Logo em seguida, como que num aviso, adverte que só quem pode

destituí-lo da liderança é sua bancada. Procurando traduzir melhor seu pensamento, constrói uma imagem militar: "É como se o Humberto fosse general do Emfa e eu general do Ministério do Exército. Tenho minha tropa, a qual sou obrigado a dar satisfações". Nisso, um dos deputados do PFL, presente à conversa, torce o nariz, expressando sua inconformidade com o tratamento político que o Governo dispensa a seus deputados. Fiúza intervém, afirmando que o presidente Collor demonstra ter sensibilidade política, quando os problemas são a ele expostos com sinceridade. Confessa que se tivesse dependido de sua palavra, as negociações em torno da Medida Provisória 296, de aumento dos servidores públicos, não teriam sido interrompidas, como fez o líder do Governo, deputado Humberto Souto. Conta que dirigiu seguidos e dramáticos apelos a Souto para que não desse por encerrados os entendimentos. Estava convicto de que, no dia seguinte, o acordo teria sido celebrado. Lamenta que se tenha chegado à atual situação, mas acredita que lá para o dia 25 de julho, o presidente da República terá enviado ao Congresso uma nova medida provisória, com o que se assegurará a continuidade do aumento concedido aos servidores públicos. Por fim, desolado, confessa que sobre o líder da bancada desabam todas as insatisfações, o que torna precário o exercício da função.

Waterloo e Santa Helena

O senador pernambucano Ney Maranhão, do PRN, não perdona os líderes do Governo derrotados no Congresso com a Medida Provisória 296. E da opinião de que após o revés, os líderes em questão só tinham

uma coisa a fazer: apresentar ao ministro Passarinho suas cartas de demissão. A respeito do assunto, sintetiza seu pensamento numa frase: "Quem perde Waterloo ganha Santa Helena".

Sem rumo

Para o senador paranaense Affonso Camargo Neto, líder do PTB, o processo político brasileiro está "pastoso, cinzento e sem rumo. Nenhum dos personagens importantes de nossa cena política demonstra segurança". Como exemplo, cita o caso de Quércia, obrigado a adiar sua reunião com os governadores do PMDB, porque não tinha certeza de que conseguiria afiná-los com a linha do partido. Para o líder do PTB, os fatos políticos estão condicionados ao que vai acontecer com a economia nacional. Alude-se, no curso da conversa, a discurso que o senador Fernando Henrique Cardoso, líder do PSDB, pro-

nunciou sábado no Senado, propondo um entendimento nacional. Desolado, constata que o Brasil não possui ainda cultura para um amplo acordo. Todos os que se sentam à mesa das negociações estão preocupados exclusivamente em obter vantagens. É ainda da opinião de que para haver um entendimento dessa envergadura seria necessário que o presidente Collor inspirasse confiança aos parceiros desse acordo, o que não ocorre. Diz que até o parlamentarismo de Collor é suspeito, porque ele só admite a mudança do regime condicionada à reeleição do presidente da República.

Os Tucanos e o Governo

O senador cearense Beni Veras, do PSDB, acompanhado de Fernando Henrique Cardoso, esteve na semana passada em Nova Iorque com o ex-governador Tasso Jereissati, que no próximo dia 16 retorna ao Brasil. A disposição inicial de Jereissati é a de ocupar a presidência do PSDB, mas condiciona essa sua decisão a uma reunião preliminar com as bancadas do partido na Câmara e no Senado. O senador Beni Veras constata que as resistências a

Tasso no PSDB reduziram-se, perdendo significação. Não acredita também no apoio do seu partido ao Governo. É da opinião de que Collor deveria governar em torno de idéias e não da troca de favores políticos. O PFL, que cita como símbolo das velhas práticas políticas brasileiras, acabaria se adaptando às novas contingências, porque a maioria de seus integrantes não sabe sobreviver a não ser à sombra do Governo.

As qualidades do líder

Inspirado em Max Weber, do qual é leitor constante, o senador Marco Maciel afirma que perseverança, vocação e discer-

nimento são as qualidades essenciais a um político. Ainda recorrendo a Weber, diz que político é o homem que procura tornar possível o impossível.